

A LÍNGUA NÃO DOMINADA E A EMERGÊNCIA DA ANGÚSTIA: DO VERBO À BABEL CONTEMPORÂNEA¹

Natália Rosso²
Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente³

RESUMO:

Do Verbo original à Babel contemporânea, a linguagem é a protagonista. Desde a construção da subjetividade aos reflexos no sujeito diante do caos quando imerso em língua não dominada. À frente de diferentes sons, símbolos desconhecidos e da mudez forçada, quando o repertório próprio não é suficiente, o que emerge não é outra coisa senão a própria angústia. Decorrente da quebra da cadeia de significantes pelo impasse nas representações psíquicas e instabilidade do Simbólico, a angústia se apresenta como o encontro com a face do Real. Os movimentos migratórios e de exílio marcam a desterritorialização espacial e subjetiva característicos deste século. Refugiados ao deixarem a terra natal, também se afastam dos seus valores identitários, dos costumes, da cultura e da língua. Através de pesquisa exploratória e revisão bibliográfica, nas quais Saussure e Benveniste alicerçam o aporte linguístico, assim como Freud e Lacan a construção psicanalítica do inconsciente, investigou-se o que ocorre na subjetividade do sujeito diante de língua estrangeira.

Palavras-chave: Linguagem. Subjetividade. Angústia. Língua. Refugiado.

THE NON-DOMINATED LANGUAGE AND THE EMERGENCE OF ANGUISH: FROM THE VERB TO CONTEMPORARY BABEL

ABSTRACT:

From the Verb to contemporary Babel, language is the protagonist. Since the construction of subjectivity until the reflexes on the subject into the face of chaos when immersed in a non-dominated language. In the face of different sounds, unknown symbols and forced muteness, when the repertoire itself is not enough, what emerges is nothing other than the anguish itself. Due to the breakdown of the chain of signifiers by the impasse in the psychic representations and instability of the Symbolic, the anguish presents itself as the encounter with the face of the Real. The migratory and exile movements mark the spatial and subjective deterritorialization characteristic of this century. When leaving their homeland refugees also deviate from their identity, customs, culture and language. Through exploratory research and bibliographical revision, in which Saussure and Benveniste base the linguistic contribution, as well as

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) na linha de Pesquisa em Psicologia e relações sociais, comunitárias e políticas. Recebido em 26/05/2019 e aprovado, após reformulações, em 26/06/2019.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de (CESJF). E-mail:nataliarosso01@gmail.com

³ Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) e docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). E-mail:rcacastelo@bol.com.br

Freud and Lacan the psychoanalytic construction of the unconscious, we have investigated what occurs in the subjectivity of the subject before a foreign language.

Keywords: Language. Subjectivity. Anguish. Refugee.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem tudo inicia, uma vez que “No principio era o Verbo, [...] e o Verbo era Deus” (BÍBLIA, Jo, 1:1). O versículo bíblico ratifica o poder da palavra e a importância da linguagem. Ao fazer uso da associação livre, Sigmund Freud (1996a), dando voz ao sujeito, também constata essa importância e concebe a revolução psicanalítica. Todavia, esse lugar da palavra na escuta terapêutica, deu-se muito anterior à Freud: século IV a.C. Antiphon, o filósofo grego, do qual os poucos registros revelam que, 23 séculos antes de Freud, acolhendo aos aflitos da alma e dando-lhes oportunidade de verbalizar, atendia numa espécie de consultório, próximo à praça de Corinto (ONFRAY, 2008).

No cenário do nosso século, marcado por grandes movimentos migratórios, muitos são os idiomas que se apresentam dispostos num mesmo território. Movimentos impulsionados por conflitos internos e externos: políticos, econômicos, religiosos, culturais, produzem guerras e miséria. Pessoas se vêem obrigadas a deixarem seus lares, sua cultura, sua língua. Encaminham-se, não como escolha, mas como única opção de vida; ou são encaminhadas para lugares desconhecidos. Nesse novo espaço, percebem-se como não-falantes e não-ouvintes por não dominarem a língua estrangeira. A migração e o exílio são movimentos de desterritorialização espacial e subjetiva, nos quais são deixados para trás os valores identitários, os costumes, o idioma.

Para compreendermos os reflexos no sujeito quando atravessado por outra língua, recorreremos à linguística, através de Saussure e Benveniste, com a Teoria da Enunciação e o conceito de subjetividade; à Psicanálise, através de Freud e Lacan com o conceito de inconsciente e sua estruturação. Finalmente, alcançamos o que emerge da quebra da cadeia de significantes e as implicações subjetivas quando diante de língua estrangeira não dominada. Ressaltamos que a discussão proposta limita-se à perspectiva de sujeitos ouvintes e falantes, inseridos no campo da

linguagem, pois como propõe Saussure (2006, p.21), “Pelo funcionamento das faculdades receptiva e coordenativa, nos indivíduos falantes, é que se formam as marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos”. Contudo, não adentramos nas particularidades nos campos da psicose, do autismo, da mudez ou surdez. Freud explana que são as percepções auditivas que, primariamente, darão origem aos resíduos verbais:

Os componentes visuais das representações verbais são secundários, adquiridos mediante a leitura, e podem, inicialmente, ser deixados de lado, e assim também as imagens motoras das palavras, que, exceto para os surdos-mudos, desempenham o papel de indicações auxiliares (FREUD, 1996b, p. 34).

Desta forma, quais poderiam ser os possíveis reflexos na subjetividade do sujeito que, uma vez já dentro do campo da linguagem, encontra-se impossibilitado de comunicar-se verbalmente por não dominar uma língua estrangeira?

2 LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE

A psicanálise perpassa diferentes campos de estudo e, não seria diferente com a linguística. Nas obras freudianas (1996a, p. 72) fica explícita a importância da linguagem como base de sustentação dos pilares da Psicanálise, sendo denominada, inclusive de “[...] cura pela fala [...]”. Jacques Lacan (1985), na releitura de Freud, aprofunda-se nos conceitos da linguística evocando autores, como por exemplo, Ferdinand de Saussure que, no início do século XX, inovou constituindo a língua como objeto da linguística. Desse autor, Lacan retoma a teoria de significante para postular o axioma “[...] o inconsciente é estruturado como uma linguagem.” (LACAN, 1985, p. 142).

Saussure (2006) sustenta a dicotomia entre Língua (Langue) e Fala (Parole), na qual a primeira é um sistema de valores que se opõem uns aos outros (um produto social) e o segundo elemento, como sendo um ato individual (sujeito a fatores externos). Entre Saussure e Freud há pontos de cruzamento, mas também muitos outros de divergência. Não cabe aqui nos aprofundarmos, mas “[...] ali onde Saussure

experimenta a necessidade de distinguir a língua da fala, Freud concebe a linguagem, a das palavras, [...] como atuante na fala e na língua.” (ASSOUN, 1996, p. 91).

Todavia, mesmo afirmando o caráter social e coletivo da linguagem, Saussure (2006) exclui a relação entre sujeitos, separando o aspecto abstrato da linguagem, ou seja, o social do concreto; mas não exime a relação entre os elementos. “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2006, p. 16). Com efeito, a perspectiva saussuriana não retrata a questão da subjetividade:

A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psíquico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações (SAUSSURE, 2006, p. 22).

Não obstante, Émile Benveniste (1989), representante da Teoria da Enunciação, reincorpora aos estudos linguísticos a questão da subjetividade, propondo ideias tais quais a articulação dos sujeitos e a estrutura da língua. Esse autor (1989) apresenta um modelo de análise no qual os interlocutores, na inter-relação, atribuem sentido às palavras, caracterizando o conceito de intersubjetividade, próprio da sua teoria. Na intersubjetividade, temos um - eu - que sempre fala para um - tu - que, de modo complementar, um não existe sem o outro.

De acordo com sua teoria, Benveniste (1989) conceitua a relação do locutor com a língua, na qual esse se apropria dessa, ao colocá-la em funcionamento. Assim, a enunciação é uma relação do sujeito (sujeito da enunciação) com a língua.

Para Benveniste (2005), a constituição da pessoa ocorre com e através da linguagem, sendo a subjetividade entendida como a capacidade do locutor se propor como sujeito. Isso pode ser facilmente compreendido ao perceber que a subjetividade é determinada pelo status linguístico da pessoa. “Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha locução um *tu*” (BENVENISTE, 2005, p. 286, grifo do autor). Assim, é na relação com o outro, com o tempo como categoria da língua, que se desenvolve a subjetividade, através do exercício da linguagem.

[...] a temporalidade humana com todo o seu aparato linguístico revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem. [...] A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa” definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu* (BENVENISTE, 2005, p. 289, grifo do autor).

Contudo, Benveniste (1989) apresenta uma subjetividade egocêntrica, ou seja, na qual o sujeito é um eu caracterizado pela homogeneidade e pela enunciação, que se constitui na interação com o tu, de forma a opor-se a não-pessoa, que “[...] não tendo a marca da pessoa, não refere um indivíduo específico; relata, dessa forma, um processo que se desenvolve fora da relação da subjetividade” (BRANDÃO, 2004, p. 57).

Todavia, para Brandão (2004) há a constituição do sujeito mesmo quando não há a enunciação de um eu, por exemplo, no discurso científico (no qual objetiva-se a impessoalidade), ou no discurso da esquizofrenia (no qual o indivíduo se utiliza do ele numa referência própria). Mesmo havendo uma máscara sobre o sujeito da enunciação, há a marca da subjetividade.

Émile Benveniste compreende a linguagem como uma propriedade intrínseca à natureza do homem e imprescindível à subjetividade. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’.” (BENVENISTE, 2005, p.286, grifo do autor). O autor diferencia-se de outros da sua época, quando a linguagem era tomada como um instrumento. Benveniste (2005, p. 285) defende que a linguagem não foi fabricada, “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem”. Com efeito, a linguagem é parte constitutiva das relações sociais, que mantém as pessoas agregadas, fundamentando a sociedade (BENVENISTE, 1989).

A linguagem como elo da relação entre os seres e como constituinte da subjetividade é o meio pelo qual enunciamos, mas também como somos enunciados, mesmo antes de nos fazermos presentes. “Os símbolos efetivamente envolvem a vida do homem numa rede tão total que conjugam, antes que ele venha ao mundo, [...] onde o verbo absolve seu ser ou o condena [...]” (LACAN, 1998, p. 280).

A partir da enunciação do Outro que nos apossamos de um idioma, através da apreensão de sons, fonemas, formas linguísticas indicadoras de tempo, pessoa, lugar, ou seja, de elementos que dão sentido a língua e permitem que esse enunciador seja o sujeito sócio-histórico.

[...] a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro (BENVENISTE, 1989, p. 84, grifo do autor).

Esse processo de aprendizagem parte da especularidade fonética, de uma linguagem pré-intelectual (sem efeito de comunicação) para um sistema de significantes e significados. Daí a passagem do *infans* (aquele que ainda não fala) à de sujeito. Freud (1996h, p. 146) observa que o desenvolvimento da fala é uma condição preexistente associada à linguagem, herdada por toda criança, comum a “[...] todos os povos, apesar de suas diferentes línguas”.

[...] muito antes de poder articular o mínimo som, a criança se encontra já imersa dentro de um universo de palavras, e que essas palavras, mesmo que não as possa reproduzir, nem produzir outras a partir delas, não são para ela menos dotadas de significação. A criança não pode se subtrair às falas de seu ambiente (REVUZ, 2001, p. 218).

Essa imersão inicial na linguagem, a língua materna, de acordo com Melman (1992, p. 31), pode ser pensada como sendo “[...] da ordem afetiva e que [...] veicula a lembrança daquela que nos introduziu na fala”. A experiência definitiva que nos atravessa e nos constitui como sujeito nos permite delinear o que chamamos de nossa língua e a língua do outro. Coracini (2007, p. 48) acrescenta que “Toda língua é língua estrangeira, na medida em que provoca em nós estranhamentos, e toda língua é materna, na medida em que nela nos inscrevemos [...]”. Contudo, Gasparini (2010) salienta que a língua só se denota estrangeira à pessoa, uma vez que essa, *a priori*, já tenha sido inscrita primitivamente no campo simbólico através de sua língua materna.

É costume identificar a “língua materna” com a primeira língua, e nisto a língua falada pela mãe, fazendo aí a suposição de poder haver uma outra, a estrangeira, segunda; e também com a língua nacional, implicando desta forma uma identificação do falante através da língua que sustenta a unificação subentendida no conceito de nação. Se adotamos estas definições podemos inferir que o qualificativo “materna” presente na expressão se refere quer ao primeiro Outro significativo para a criança, quer à nação-mãe à qual todo e qualquer falante deve sua filiação. (LEITE, 1994, p. 65, grifo do autor).

Assim quando, por necessidade ou interesse, nos afastamos da língua denominada materna para apreensão de outra estrangeira, um conflito subjetivo pode se estabelecer entre ambas as estruturas linguísticas, pois segundo Revuz (2001, p. 217), “Toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua”. Não podemos desconsiderar que, o sujeito quando se defronta com um idioma, está trazendo consigo toda uma bagagem histórica, social, temporal, amarrada pela língua da primeira infância, que lhe fornece uma ilusão de completude. Essa ilusão não lhe serve diante da impossibilidade de comunicação em língua estrangeira.

Ressaltamos, entretanto, que aqui a linguagem ultrapassa o papel de instrumento de comunicação para ser primordial na constituição do sujeito. De acordo com Revuz (2001, p. 217), “Muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional”, permeando as identidades individuais e coletivas. O sujeito da enunciação revela-se na apropriação ou no confronto da linguagem. Essa, como mediadora das relações com o mundo, posiciona sujeito sócio-histórico. Assim, quando utilizamos o termo de linguagem como mediadora, “[...] consideramos a mediação como relação constitutiva, como ação que transforma. Não consideramos nem a linguagem como um dado nem a sociedade como um produto; elas se constituem mutuamente” (ORLANDI, 2000, p.17). E, pelo fato da língua não ser nunca somente um instrumento, que “[...] o encontro com outra língua é tão problemático, e que ela suscita reações tão vivas” (REVUZ, 2001, p. 217).

Desta forma, estar imerso em outros sons, com significantes diferentes é perceber-se no embate entre o familiar e o desconhecido, é ver-se diante do desafio de encontrar novas formas de subjetivar-se. Assim, “[...] aprender uma língua é

sempre, um pouco, tornar-se um outro” (REVUZ, 2001, p. 227). Todavia, ao retratarmos o processo de subjetivação, Garcia-Roza (2009) esclarece que há uma distinção entre os conceitos anteriores ao proposto por Freud, nos quais a subjetividade era identificada com a consciência e dominada pela razão, era entendida como “[...] uma forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente, mas jamais para designar um sistema psíquico distinto dos demais e dotado de atividade própria.” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 169).

Esse sistema, observado através de suas manifestações, foi proposto por Freud (1996d) a partir de sua prática clínica. O autor aponta que o caminho para que saibamos a respeito desta instância – o inconsciente – está nas lacunas dos fenômenos conscientes: os sonhos, os chistes, os atos falhos, os lapsos e os sintomas. Manifestações essas denominadas, de formações do inconsciente, por Lacan (1999).

O sistema psíquico apresentado por Freud (1996g) propõe uma distinção tópica entre inconsciente – lcs – e pré-consciente/consciente – PCs/Cs – que se contrapõem. Nos acontecimentos psíquicos não há arbitrariedade, mas esses sistemas possuem sintaxes diferentes. O inconsciente possui uma ordem, uma organização própria. Assim, falar de inconsciente não significa dizer sobre as profundezas da consciência ou que ele se identifica com aquilo que a subjetividade tem de caótico e impensável. Uma representação inconsciente é senão uma representação que está submetida a uma sintaxe diferente da qual caracteriza a consciência. Temos então que o inconsciente é uma lei de articulação e não o lugar onde essa se dá (GARCIA-ROZA, 2009).

Desta forma, a definição de inconsciente não está em seu conteúdo, mas na sua forma de operação, normatizada por leis próprias. Quando há uma cisão na subjetividade, deve-se compreender como uma quebra de regimes, de princípios. À vista disso, falar de caráter simbólico (linguagem) no inconsciente é falar do próprio inconsciente, uma vez que só há a instância se houver um balizador das regras.

O acesso ao simbólico é, portanto, a condição necessária para a constituição do inconsciente e, evidentemente, também do consciente. [...] É a aquisição

da linguagem que permite o acesso ao simbólico e a consequente clivagem da subjetividade. (GARCIA-ROZA, 2009, p. 176).

3 INCONSCIENTE ESTRUTUADO COMO LINGUAGEM

A correlação entre a linguagem e a estrutura do inconsciente havia sido proposta por Freud (1996b, p. 33), no texto O ego e o Id, ao indicar as diferenças entre as ideias do inconsciente e as do pré-consciente, sendo que “[...] a primeira é efetuada em algum material que permanece desconhecido, enquanto que a última (a do Pcs.) é, além disso, colocada em vinculação com representações verbais”.

Essas representações verbais são resíduos de lembranças; foram antes percepções e, como todos os resíduos mnêmicos, podem tornar-se conscientes de novo. [...] Os resíduos verbais derivam primariamente das percepções auditivas, de maneira que o sistema Pcs. possui, por assim dizer, uma fonte sensória especial. [...] Em essência, uma palavra é, em última análise, o resíduo mnêmico de uma palavra que foi ouvida (FREUD, 1996b, p. 34).

Com efeito, é por intermédio da fala do outro, que as representações verbais constituem os traços mnêmicos que, posteriormente possibilitarão a comunicação, ferramenta pela qual esses traços poderão vir à consciência. Logo, são os conteúdos reprimidos que escapam de forma disfarçada ao recalque, sob a forma de manifestações conscientes, que permitem sabermos da presença dessas representações inconscientes.

[...] o recalque ocorre *entre diferentes sistemas psíquicos*, produzindo a mudança de algum elemento de um sistema para outro. O recalque independe de uma ação externa coercitiva, pela qual se caracteriza a *repressão*: ele é um *mecanismo estrutural*, independente da ação externa e, além disso, *estruturante* (JORGE, 2005, p. 22, grifo do autor).

Entretanto, esses materiais reprimidos não acessam diretamente a consciência, isso só ocorre sob certas condições. Tais premissas, as chamadas formações de compromisso, estabelecem uma relação entre o desejo (inconsciente) e a censura, na qual um conteúdo reprimido (significante / representação verbal) encontra meios de vir à tona através da associação cifrada a outros significantes. Os **CADERNOS DE PSICOLOGIA – CESJF - jun.2019 v.1 n.1 p.340-361**

sonhos, os chistes e os lapsos representam esses mecanismos, tornando-se vias de processos de linguagem. Essas manifestações despertam a atenção quando se percebe não apenas a descontinuidade que provocam no discurso consciente, mas a sensação de sentir-se atravessado (LACAN, 1985). O ato falho é um exemplo desse atropelo na expressão, quando algo é dito como se ali fosse um outro (desconhecido e imperativo) falando. “Há, por trás de todo lapso, [...] uma finalidade significativa” (LACAN, 2007, p. 144). Portanto, a psicanálise, segundo Sigmund Freud (1996h), fundamenta-se na ideia de inconsciente como um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor, a partir de suas manifestações.

Os efeitos do inconsciente foram observados por Freud (1996f) a partir da análise dos sonhos, que trouxe à luz os mecanismos de condensação e deslocamento, que posteriormente Lacan propôs como análogos às figuras de linguagem metáfora e metonímia, respectivamente. Lacan (1999, p. 26), em alusão à metáfora, acrescenta que é uma “[...] espécie de engavetamento [...] entre duas linhas da cadeia significativa” e a metonímia é “[...] tomá-la num certo contexto com o sentido que ela tem em outro [...]” (LACAN, 1999, p. 65).

[...] é por intermédio da metáfora, pelo jogo da substituição de um significante por outro num lugar determinado, que se cria a possibilidade não apenas de desenvolvimentos do significante, mas também de surgimento de sentidos novos, que vêm sempre contribuir para aprimorar, complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade (LACAN, 1999, p. 35).

Metáfora e metonímia, não apenas regem o funcionamento do inconsciente, mas são formadoras desse, como sustenta Garcia-Roza (2009). “O inconsciente, são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala, em consequência do que, o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1985, p. 142).

[...] essa estrutura do inconsciente, isso pelo qual se reconhece um fenômeno como pertencente às formações do inconsciente, corresponde exaustivamente ao que a análise linguística nos permite situar como sendo os meios essenciais de formação do sentido, na medida em que este é gerado pelas combinações do significante (LACAN, 1999, p. 52).

Essas combinações ou rearranjos dos significantes permitem que o inconsciente possa realizar suas operações, transformações e se fazer representar. Fora da linguagem, o inconsciente é impensável, uma vez que sabemos da sua existência pela sua estrutura. Portanto, é a partir das organizações significantes que Jacques Lacan (1985, p. 150) formaliza o estatuto do inconsciente como simbólico, propondo que “O significante [...] representa um sujeito para outro significante”.

Todavia, Garcia-Roza (2009) salienta que as proposições de Lacan a respeito do papel do simbólico no Homem, têm sua origem na linguística e na antropologia e, portanto, sua originalidade não estaria nisso, mas sim na forma como efetua a releitura de Freud a partir dessas contribuições. Assim, da linguística saussuriana, Lacan (1999) resgata o conceito de signo linguístico como uma unidade composta de duas partes: o significado ou conceito (por exemplo, árvore) e o significante (*tree, albero, baum*). Entretanto, há uma diferenciação teórica entre os autores:

Fica, dessa maneira, quebrada a unidade do signo defendida por Saussure. A cadeia dos significantes (ou cadeia significante) é, ela própria, a produtora de significados. É essa cadeia que vai fornecer o substrato topológico ao signo lacaniano, impondo que nenhum significante possa ser pensado fora de sua relação com os demais (GARCIA-ROZA, 2009, p. 186).

Deste modo, a disposição entre essas representações inconscientes ocorre através de redes articuladas de significantes que tendem a “[...] formar grupos fechados, isto é, compostos de uma série de anéis que se prendem uns aos outros para constituir cadeias, as quais, por sua vez, prendem-se a outras cadeias à maneira de anéis” (LACAN, 1999, p. 34). Essas representações, no entanto, são compostas por unidades menores, que não podem se decompor. De acordo com Saussure (2006, p. 51), “Os elementos obtidos primeiramente pela análise da cadeia falada são como os elos dessa cadeia, momentos irreduzíveis que não se podem considerar fora do tempo que ocupam”. Essas unidades primárias que chegam até nós pela linguagem são os fonemas.

As primeiras unidades que se obtém ao dividir a cadeia falada [...] chamam-se *fonemas*; o fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra [...] (SAUSSURE, 2006, p. 51, grifo do autor).

Portanto, essas unidades menores – significantes – se ligam aos significados para a formação dos signos e, articulando-se em redes que se rearranjam, constituem o campo simbólico. Esse, por sua vez, só é possível em decorrência da relação com o Outro, afinal os fonemas são apreendidos das unidades faladas e ouvidas na relação social.

O grande Outro como discurso do inconsciente é um lugar. [...] É de onde vêm as determinações simbólicas da história do sujeito. É o arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito em sua infância e até mesmo antes de ter nascido. [...] É um lugar simbólico, lugar dos significantes, onde as cadeias significantes do sujeito se articulam determinando o que o sujeito pensa, fala, sente e age. Nada do sujeito escapa ao Outro: sua mente e seu corpo, seus movimentos e seus atos. Seus sonhos e sua vigília (QUINET, 2012, p. 18).

Com efeito, o Outro tem papel fundamental na construção do sujeito. Tanto na ordem do simbólico (quando a linguagem possibilita a construção da fantasia em torno da tentativa de responder qual é o desejo do Outro); do imaginário, que Lacan (1986) retratou como Estádio do Espelho, quando há um movimento psíquico a partir do olhar do Outro na garantia da própria imagem (a linguagem faz a intermediação desse olhar); e do real (aquilo que a linguagem causa no sujeito na operação de cisão da cadeia de significantes).

O real se distingue do registro do imaginário, na medida em que este último é o âmbito do *eidos* visual e imaginativo: o mundo das formas, das imagens, dos objetos que pertencem ao mundo da percepção. O imaginário e o simbólico constituem, juntos, a realidade para o sujeito, para quem o real é causante, ainda que velado (QUINET, 2012, p. 27, grifo do autor).

O real, como esclarece Jorge (2005, p. 64) é o “[...] que vigora por trás do funcionamento automático do significante [...] que constitui o núcleo do inconsciente [...]”. Uma situação na qual “[...] o sujeito pode encontrar-se confrontado com o real é a angústia. [...] A angústia é esse momento privilegiado em que o sujeito encontra esse real constituído pelo Outro” (MELMAN, 1992, p. 23).

4 ANGÚSTIA

Na primeira teoria sobre a angústia, Freud (1996c) a descreve como a transformação a partir do excesso de tensão acumulada no limite entre o orgânico e o psíquico. Ainda dentro dessa ideia original, mas sob a égide da metapsicologia, Freud (1996d) postula o surgimento da angústia a partir da transformação da quantidade de afeto durante o processo de recalque. Numa segunda teoria, o pai da psicanálise, no texto Inibições, Sintomas e Angústia, Freud (1996e, p. 111) delinea a angústia como aquilo que apontaria para o recalque, na tentativa que o aparelho psíquico pudesse se proteger. “Foi a ansiedade que produziu a repressão e não, como eu anteriormente acreditava, a repressão que produziu a ansiedade”. O afeto aqui em questão seria um sinal de aviso ao Ego das ameaças e perigos que pudessem colocar o aparelho em risco. Portanto, a angústia não deriva do fracasso do recalque, mas sim é a própria causa desse. A angústia para Freud assume uma função na organização psíquica, o que implica em dizer que as experiências vivenciadas pelo sujeito correlacionam-se à angústia e, à subjetividade.

Vale ressaltar que James Strachey na nota em Freud (1976) esclarece que o termo original do alemão *Angst* foi traduzido para o inglês como *Anxiety* e, portanto, as traduções em português oriundas dessa última, podem resultar nos termos ansiedade ou angústia. “A palavra universalmente, e talvez infelizmente, adotada com tal objetivo tem sido ‘*anxiety*’ (‘ansiedade’) - infelizmente, já que ‘*anxiety*’ tem também um sentido corrente, o qual só muito remotamente tem conexão com qualquer dos usos do alemão ‘*Angst*’” (FREUD, 1976, p. 137, grifo do autor).

Lacan (2005), a partir do conceito freudiano, sustenta que a angústia é um afeto amarrado ao real. Ambos os autores convergem ao ponto da angústia como um afeto, como uma expressão subjetiva (da ordem do inconsciente), da afetação do ser em sua ligação com o mundo.

Os conteúdos dos sistemas psíquicos são, portanto, os seguintes: *representações* e *afetos*. As representações podem ser, por sua vez, divididas em: *representações de coisas* e *representações de palavras*. O inconsciente é constituído apenas por representações de coisas, ficando as

representações de palavras e o afeto restritos ao sistema pré-consciente-consciente (GARCIA-ROZA, 2009, p. 177, grifo do autor).

A relação entre o afeto e a cadeia de significantes (ou representações psíquicas) é tal que o primeiro se constitui a partir do segundo. O modo como esse vínculo se dá será o determinante para significação subjetiva, pois uma determinada combinação de significantes suscitará um afeto.

[...] não se trata de considerar os afetos, e em particular a angústia, uma expressão anímica do sujeito em seu estado bruto, pura manifestação vital de sua afetação pela experiência. Nessa perspectiva, o afeto só se constitui em relação à rede significante, sendo ela quem lhe oferece possibilidade de significação subjetiva. É apenas em relação à determinada constelação significante que, por exemplo, um toque corporal qualquer pode ser interpretado subjetivamente como carinho ou como violência. [...] o afeto não é o significante, mas algo produzido nos interstícios de suas malhas (PEREIRA, 2002, p. 109-110).

De acordo com o dicionário de psicanálise, a angústia é um afeto “[...] de desprazer maior ou menor, que se manifesta, em um sujeito, em lugar de um sentimento inconsciente [...]” (ANGÚSTIA, 1995, p.14). Esse afeto produzido entre os significantes; que são a imagem acústica de um conceito ou a representação psíquica do som (os fonemas), e se dispõem em elos presos uns aos outros, na formação de um encadeamento estruturante; emerge das fendas quando essa estrutura se desfaz, refletindo a desorganização simbólica. Lacan (2005, p. 88) nomeia a angústia como “[...] esse corte nítido sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, seu sulco no real, é impensável [...]”. Por conseguinte, podemos delinear a inter-relação entre a angústia (afeto) e a linguagem (significantes/fonemas), na qual a angústia aponta para os efeitos da linguagem.

Muitos podem ser os impactos a partir das combinações significantes, tantos quanto os inúmeros rearranjos linguísticos. Entretanto, não obstante essas ligações possam ser múltiplas, ainda assim não são capazes de abarcar as singularidades humanas. “Como a linguagem tem uma relação necessária com a exterioridade, a ideia de unidade (de todo) não implica a de completude: a linguagem não é uma coisa só e nem é completa” (ORLANDI, 2000, p. 22, grifo do autor). Por isso, destacamos que “[...] o sujeito é sempre um ‘entre dois’, entre duas palavras, entre dois

CADERNOS DE PSICOLOGIA – CESJF - jun.2019 v.1 n.1 p.340-361

significantes. É um deslocamento [...]” (SOLER, 1995, p.68, grifo do autor). Afinal, o humano é da ordem do indefinível, irredutível ao significante uno, somos subjetivados por muitos significantes (mulher, homem, brasileira, italiano, dentista, engenheiro). “O sujeito não ‘é’ isso ou aquilo. Ele é um vazio, um furo no conjunto da linguagem, deslizando nas cadeias significantes” (QUINET, 2012, p. 23, grifo do autor).

Os múltiplos significantes que nos nomeiam e nos apresentam ao mundo, são anteriores a nós e responsáveis pela nossa inserção num contexto normatizado, ou seja, do campo simbólico. Diferentemente, a ordem do real é obscura, confusa, incompreensível e, no cerne da questão proposta, representa a dimensão da língua estrangeira. Todavia, por mais que a língua materna não nos ofereça uma completude, e seja faltosa - afinal nenhuma língua abrange o todo do humano - ainda assim é ela que nos organiza e oferece as regras que possibilitam a relação com o outro e a subjetivação. Lacan (2005, p. 52) observa que “[...] se de repente, faltar toda e qualquer norma, isto é, tanto o que constitui a anomalia quanto o que constitui a falta, se esta de repente não faltar, é nesse momento que começará a angústia”. Podemos dizer então, que é a falta daquilo que é faltoso (língua materna/normatização) que causa a angústia. Logo, não são as infrações ou transgressões nas regras do simbólico (erros gramaticais) que despertam a angústia, mas sim quando essas regras e a organização que produzem não se presentificam, ou seja, “[...] muitas coisas podem produzir-se no sentido da anomalia, e que não é isso que nos angustia” (LACAN, 2005, p. 52).

Inicialmente, pode parecer paradoxal quando Lacan (2005, p. 52) aponta que a angústia surge quando “[...] a falta vem a faltar”, mas a ausência só pode ser pontuada se, em algum momento, tiver havido algum elemento. Essa é a marca do contraditório da qual Freud (1996i, p.163) observa que “Se sempre houvesse luz, não seríamos capazes de distinguir a luz da escuridão, e conseqüentemente não seríamos capazes de ter o conceito de luz nem a palavra para ele”. Portanto, a falta na cadeia de significantes em língua estrangeira só aparece porque antes ali já esteve presente o significante originário da língua materna. Essa marca, tal qual uma impressão no inconsciente, registra a posição de sujeito, alguém que já adentrou o campo da linguagem. Um ser falante, com condições de comunicação na língua de origem,

marcado por uma cadeia de significantes. Esses registros da língua materna, diante da língua estrangeira, lhe são como carcaças vazias, sem significantes que lhe permitam se comunicar com o Outro.

Esclareço que, se esse oco ou esse vazio aparece, é por ter sido evocado ao menos uma vez o Nome-do-Pai - é na medida em que o que foi chamado num dado momento no nível do *Tu* foi, justamente, o Nome-do-Pai como aquele que é capaz de ratificar a mensagem, e que, por isso mesmo, é a garantia de que a lei como tal se apresente como autônoma. (LACAN, 1999, p. 160, grifo do autor).

Portanto, quando essa sequência de significantes não é mais suficiente para nos apresentar ao mundo, uma vez que não é compreensível numa língua estrangeira, há uma ruptura nessa cadeia. “Se falo uma língua estrangeira, o retorno de meus significantes inconscientes não poderá mais se dar a escutar como a expressão de um desejo, mas como erro lexical ou sintático, mesmo ao meu próprio ouvido” (MELMAN, 1992, p. 33). Afinal, os traços deixados pela língua materna,

[...] não cessam de ressoar e de ecoar, também, nas experiências de apreensão dos idiomas diversos, e isso, graças à constituição subjetiva e à estruturação do inconsciente, ambas vinculadas ao campo da linguagem, do qual as línguas são formas de manifestação, modos de realização (GASPARINI, 2010, p. 227).

Logo, o que ocorre na subjetividade do sujeito diante de língua estrangeira não dominada é a emergência da angústia como efeito da cisão da cadeia de significantes oriunda da língua materna. Isso por que, a língua primária, nesse contexto, não serve ao propósito de interlocutora com o Outro, deixando o espaço de representações vazio e desnudando o real. A ausência de organização simbólica faz o sujeito submergir no caos, pois a língua estrangeira, que representa um novo sistema de signos – significantes e significados, – confronta-se com o sistema anteriormente consolidado – universo simbólico construído pela linguagem materna.

[...] quando desaparecem as coordenadas simbólicas que possibilitam ao sujeito situar-se, apreender-se como algo cuja existência pode ser testemunhada por um ponto de vista qualquer, dá-se a emergência da angústia. [...] se o Outro simbólico era incompleto, o Outro real é inconsistente [...] (FAVERET, 2019, p. 06).

Por conseguinte, essa desorganização simbólica pode produzir diversas consequências. No seminário dedicado ao estudo da angústia, Lacan dimensiona essa gravidade questionando “Por que não nos servirmos da palavra *impedir*? É disso mesmo que se trata. [...] Estar impedido é um sintoma. [...] É isso que nos aproxima do que estamos buscando, ou seja, do que acontece sob o nome de angústia” (LACAN, 2005, p. 19, grifo do autor). O autor aponta o caráter paralisante do afeto, cujos desdobramentos podem influenciar desde o psiquismo ao somático. Segundo Dunker (2006, p. 307), “Não há linguagem e depois o corpo ou o corpo e depois a linguagem, ambos procedem de uma experiência originária, e portanto constitutiva”.

Para a psicopatologia psicanalítica, o próprio corpo fala. Recorde-se que Freud fundou a psicanálise a partir dos sintomas histéricos que ele soube ver como “corpos falantes”. O sintoma corporal é sobre-determinado por uma rede simbólica complexa, por uma linguagem cujas leis sintáticas é preciso descobrir para se resolver o sintoma. (KRISTEVA, 1969, p. 312, grifo do autor).

Os sinais orgânicos, que dizem a verdade inconsciente, descritos por Freud (1976) no quadro de neurose de angústia, tais como taquicardia, sudorese, sensação de sufocamento, náusea, se assemelham à concepção fenomenológica descrita no DSM-V (MANUAL [...], 2014, p. 223), nos termos de ansiedade generalizada. Esse mal estar somático relaciona-se com a forma de enfrentamento e aponta para a falha estrutural do sujeito da linguagem. Desta forma, algumas pessoas podem se encontrar mais vulneráveis a ele do que outras. Aquelas que passam por processos migratórios e de exílio, pelas próprias contingências que favorecem a desorganização simbólica, podem fazer parte deste grupo de risco.

O número de pessoas nessas condições atingiu o recorde de 68,5 milhões. Desde 2013, já superava os 50 milhões de refugiados, índice alcançado pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial. Esses são os dados da Agência das Organizações das Nações Unidas para Refugiados que divulgou em junho de 2018 o relatório intitulado *Global Trends – Forced Displacement in 2017* ou Tendências Globais – Deslocamento Forçado em 2017, no qual apresenta o panorama das

migrações forçadas em todo o mundo, resultantes de perseguições, conflitos ou violência generalizada. (UNITED [...], 2017, p. 2, tradução nossa).

Esse cenário atual pode vir a refletir a face de uma Babel contemporânea, na qual os sujeitos nativos e imigrantes habitam um mesmo território, mas não compartilham uma língua comum. “Desçamos e lá mesmo confundamos-lhes a língua, para que ninguém mais compreenda a fala do outro!” (BÍBLIA, Gn, 11:7).

Conforme descrevemos, as relações sociais são mediadas pela linguagem e, de acordo Revuz (2001, p. 227), “Quanto melhor se fala uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura”. Contudo, tanto quanto o imigrante se sente acolhido numa comunidade, também vivencia o distanciamento em relação ao ambiente de origem. Diante do exposto, podemos então perceber o quão impactante pode ser (física e subjetivamente) estar num local de língua estrangeira não dominada e precisar se comunicar. Saussure (2006, p. 21) observa que “Quando ouvimos falar uma língua que desconhecemos, percebemos bem os sons, mas devido à nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social”.

Com efeito, percorremos a trajetória desde a incorporação da subjetividade no campo da linguística, a partir dos elementos da linguagem, de tal forma que se entrelaçassem aos conceitos psicanalíticos e alcançássemos a estruturação do inconsciente. O delinear deste caminho dá-se em resposta à questão central do que ocorre na subjetividade do sujeito diante de língua não dominada. Verificamos que a cisão da cadeia de significantes no inconsciente, uma vez que a língua materna não é suficiente para fazer enunciar-se ao mundo o sujeito da linguagem, revela a emergência da angústia, numa referência à desorganização simbólica. As consequências podem se refletir desde o adoecimento físico e psíquico até na construção dos laços sociais e, aqueles que passam pelos processos migratórios, estão expostos a elas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando a linguagem como mola motriz da subjetivação humana, como o elemento fundamental constituinte do inconsciente e das relações sociais, recorreremos

aos conceitos linguísticos de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste. A fim de entrelaçarmos aos conceitos psicanalíticos de inconsciente e sua estruturação, a partir da fonte primária de Sigmund Freud, chegamos a Jacques Lacan que expõe analogamente a estruturação do inconsciente como linguagem. A partir das representações psíquicas ou cadeia de significantes originários da língua materna, temos o sujeito que adentrou no campo do Simbólico. Contudo, investigamos o que ocorre na subjetividade desse sujeito quando diante de língua estrangeira não dominada. Consideramos que, diante da cisão da cadeia de significantes, por conta da ineficiência da língua materna, o que emerge é a angústia. Esse afeto que eclode entre as fendas dos elos significantes, denota o encontro com o Real. O espaço vazio no arcabouço psíquico marcado pelas impressões primárias da língua materna que já não serve mais como interlocutora, traz a ausência de organização simbólica ao sujeito. A angústia emergente, como um afeto que se desloca, pode provocar desde alterações psíquicas às somáticas. O não domínio da língua estrangeira poderá constituir um empecilho às relações entre os sujeitos e impedimento na formação de laços sociais. O estudo reflete as contingências pelas quais os imigrantes e refugiados podem ser inscritos, uma vez que os movimentos de desterritorialização espacial e subjetiva são característicos deste início de século.

REFERÊNCIAS

ANGÚSTIA. *In*: CHEMAMA, Roland (Org.). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. p. 15.

ASSOUN, Paul-Laurent. **Metapsicologia freudiana**: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1996.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BÍBLIA. Português. **Bíblia – Mensagem de Deus**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

BRANDAO, Helena Hathsue. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

CADERNOS DE PSICOLOGIA – CESJF - jun.2019 v.1 n.1 p.340-361

CORACINI, Maria José. Sujeito, identidade e arquivo – entre a impossibilidade e a necessidade de dizer (-se). *In*: CORACINI, Maria José. **A Celebração do Outro: Arquivo, Memória e Identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. A angústia e as paixões da alma. *In*: LEITE, Nina (Org.). **Corpolinguagem – angústia: o afeto que não engana**. Campinas: Mercado das Letras, 2006. p. 305-316.

FAVERET, Bianca Maria Sanches. **Angústia no séc.XXI**. 2019. 09 p. Trabalho apresentado na V Jornada Científica do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Dinâmica de grupo e Psicodrama em Juiz de Fora, MG, maio 2019.

FREUD, Sigmund. Casos clínicos. *In*: FREUD, Sigmund. **Estudo sobre a histeria (1893-1895)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 57-202 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. II).

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. *In*: FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 14-80 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIX).

FREUD, Sigmund. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *In*: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 217-331 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. I).

FREUD, Sigmund. O inconsciente. *In*: FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 163-222 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XIV).

FREUD, Sigmund. Inibições, Sintomas e Ansiedade. *In*: FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. p. 79-171 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XX).

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos (primeira parte) (1900)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. IV).

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos (segunda parte) e sobre os sonhos (1900-1901)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996g. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. V).

FREUD, Sigmund. **Moisés e o monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos** (1937-1939). Rio de Janeiro: Imago, 1996h. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XXIII).

FREUD, Sigmund. A significação antitética das palavras primitivas. *In*: FREUD, Sigmund. **Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos** (1910). Rio de Janeiro: Imago, 1996i. p. 157-166 (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. XI).

FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas** (1893-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas, v. III).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GASPARINI, Denise Souza Rodrigues. Língua materna, língua estrangeira e psicanálise: um olhar outro para a questão da aprendizagem. **Anais do SETA**, Campinas, v. 4, p. 226-237, 2010.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1969.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23: o sinthoma, 1975-1976**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LEITE, Nina. **Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

MANUAL de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MELMAN, Charles. Chimneys weeping. *In*: MELMAN, Charles. **Imigrantes**: incidências subjetivas das mudanças de língua e país. São Paulo: Escuta, 1992. p. 31-38.

MELMAN, Charles. A subjetividade do emigrado. Haveria uma língua nacional para o Outro? *In*: MELMAN, Charles. **Imigrantes**: incidências subjetivas das mudanças de língua e país. São Paulo: Escuta, 1992. p. 21-30.

ONFRAY, Michel. Usos terapêuticos do verbo: a sofisticada antifoniana. *In*: ONFRAY, Michel. **Contra-história da filosofia**: as sabedorias antigas, 1. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Discurso e leitura**. 5. ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Sim ou não: a angústia e a voz do Outro. *In*: BESSET, Vera Lopes (Org.) **Angústia**. p. 105-116. São Paulo: Escuta, 2002.

QUINET, Antônio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Tradução de Silvana Serrani-Infante. *In*: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. 2. ed. Campinas, SP: mercado de Letras, 2001. p. 213-230.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOLER, Colette. **Variáveis do Fim da Análise**. São Paulo: Editora Papirus, 1995.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **Global Trends – Forced Displacement in 2017**. Geneva, 2018.